## "O conceito de 'retornado' e a representação da ex-metrópole em *O Retorno* e *Os Pretos de Pousaflores*"

## Patrícia Martinho Ferreira

Brown University

Abstract: Following the trajectories of the families featured in the novels *O Retorno* (2011), by Dulce Maria Cardoso, and *Os Pretos de Pousaflores* (2011), by Aida Gomes, this essay aims to problematize the meaning *retornado* and understand how the label evokes contradictory feelings and conceptions regarding the Portuguese colonial experience. I also reflect on the complex process of the integration of *retornados* into post-colonial Portuguese society. Finally, I analyze the text's representation of the former metropole and its ambivalent role in the construction of identity undertaken by these narrators.

**Keywords:** Angola, Moçambique, post-colonial literature, racial discourses, Portuguese (post-)colonialism

Estranho 'império' terá sido o nosso e mais estranho povo para que, tendo, de súbito, parecido ter perdido a alma da sua alma pareça sobretudo ter ficado chocado com a invasão-enxurrada das pedras vivas dessa imperialidade, amontoadas ao acaso no Aeroporto da Portela. (Pequena porta, portaló de espécie particular para recolha do lixo imperial.)

(Lourenço, O Labirinto da Saudade 43)

Após quase cinquenta anos de ditadura e uma guerra então chamada "colonial," que se estendeu por mais de uma década, a democracia foi reestabelecida

em Portugal, as colónias obtiveram a independência e a ex-metrópole reorientouse para a Europa. Remetendo para todo este conturbado processo de mudança, os livros de Dulce Maria Cardoso e Aida Gomes, segundo a análise que proponho, questionam os discursos da nação portuguesa e refletem sobre as estratégias de negociação de identidades conducentes à construção de uma sociedade póscolonial. Ambas as narrativas indagam sobre as estreitas relações entre "nação" e "império," "espaço metropolitano" e "ultramarino" no processo de construção das identidades pós-coloniais e mostram que é impossível construir identidades sem o confronto com a diferença (seja ela étnica, racial, cultural, social ou religiosa).<sup>2</sup>

Num artigo publicado em 2006, Paulo Medeiros lembra a complexidade e a multiplicidade das relações coloniais para advogar a favor de uma "análise literária de condições pós-coloniais na Europa" (340), sem que isso signifique "voltar a erigir" este continente "como centro mundial." (342) Essa análise na argumentação do autor, implica explorar áreas como "a representação das guerras coloniais, a problemática dos fantasmas que assombram os vários nacionalismos europeus, a questão da memória e da sua relação com a história, a reescrita fundamental de dados históricos e do cânone literário, e ainda a questão das migrações actuais" (349). A esta lista acrescento, especificamente, a experiência (muitas vezes traumática) dos colonos/emigrantes regressados à Europa na sequência do processo de descolonização.

Na introdução de *Europe's Invisible Migrants*, Andrea Smith comenta não só sobre a heterogeneidade das populações migrantes associadas aos processos de descolonização, mas também sobre a natureza redutora dos nomes usados em diferentes países europeus para as identificar e categorizar. No caso português, os estudos críticos sobre esta questão têm apontado a incoerência que subjaz ao uso do termo que se popularizou para identificar o fluxo migratório provocado pelo fim do império: "retornados." A maior parte da população tinha, de fato, nascido e, em alguns casos, até crescido em Portugal, nesse sentido, retornavam/voltavam/regressavam ao seu país de origem. Contudo, essa não era uma situação generalizada; na verdade, muitos desses migrantes tinham nascido em África e/ou nunca tinham estado em Portugal e/ou não tinham quaisquer laços familiares neste país.<sup>3</sup> O potencial enganador que a palavra "retornado" encerra ficou, aliás, inscrito na quantidade de

termos usados no momento imediato à chegada desta população a Portugal, na imprensa e nos discursos público e privado, foram usadas indiscriminadamente, a par do termo "retornados," expressões como "retorno dos nacionais," "desalojados" e "refugiados." Apesar de ser equívoco e redutor, o termo "retornado" vingou, porém, tanto nos discursos público e privado, quanto nos estudos críticos sobre o assunto.

O presente ensaio toma como ponto de partida os romances *O Retorno* e *Os Pretos de Pousaflores* para problematizar o conceito de "retornado," desafiar a ideia da suposta boa integração na sociedade portuguesa desta população deslocada e, além disso, analisar de que forma a ex-metrópole (Portugal) é percepcionada por este movimento migratório. Ambos publicados em 2011, os dois livros aqui em análise são assinados por mulheres e neles acedemos ao complexo processo de (des)integração da população "retornada" das ex-colónias na sociedade portuguesa. Em traços muito gerais, *O Retorno* concentra-se na perspetiva dos "retornados" brancos—e, sobretudo, dos "retornados dos hóteis," ou seja, os que chegam a Portugal sem quaisquer bens—e *Os Pretos de Pousaflores* foca, no geral, a perspetiva dos "retornados" africanos (mulatos e negros).

Centrando-se na importância dos fatores raça, classe e laços familiares para a construção da identidade deste grupo tão heterogéneo, Stephen C. Lubkemann usa a expressão "internal strangers" para explicar de que forma estas pessoas começaram paulatinamente a fazer parte da "civitas" mas, ao mesmo tempo, viram a sua presença na "societas" (por meio das interações sociais) posta frequentemente em causa. Situação que destaca, como aponta Ovalle-Bahamón, a distância potencial entre os conceitos de "nationality (citizenship)" e "nationness (imagined community)" (148). Por outras palavras, a chegada destas pessoas a Portugal mostrou uma complexa dissonância entre o entendimento legal e social dos conceitos de raça, nação e identidade, assim como desconstruiu a ideia propagada pela ideologia salazarista de que a sociedade portuguesa era multicontinental e multirracial. Uma das grandes ironias da retórica do regime residia, deste modo, no facto de se ter uma sociedade metropolitana fechada, isolada e mais ou menos homogénea racialmente e, ao mesmo tempo, nos foros internacionais, se reclamar e promover uma alegada predisposição multirracial dos portugueses.

O silêncio que se instalou sobre os retornados na esfera pública prende--se com os esforços da maioria deles no sentido de se reestabelecerem na sociedade portuguesa.<sup>4</sup> Dito de outro modo, os retornados brancos (sobretudo os de classes sociais mais altas, os mais escolarizados e/ou com ligações diretas a Portugal) conseguiram afastar-se mais rapidamente da receção negativa de que foram alvo imediato à época da sua chegada, assim como de qualquer ligação com os retornados de ascendência africana e, desse modo, diluíram-se sem grandes sobressaltos na sociedade portuguesa, provando serem os exemplos da boa integração. Ressalve-se, porém, que isto não aconteceu com todos os retornados brancos, sobretudo os de classes sociais mais baixas e/ou com laços familiares menos fortes em Portugal, e menos ainda com o grupo minoritário dos "retornados" negros e mulatos (cuja maioria nunca tinha estado em Portugal e/ou não tinha redes familiares no país, e/ou não tinha quaisquer recursos financeiros).<sup>5</sup> O caso da família retratada no livro de Dulce Maria Cardoso exemplifica a realidade dos retornados brancos que não foram acolhidos pelos familiares. É interessante, aliás, apontar que a esperança que emana da figura do pai de Rui, no final do romance, lança a hipótese de que o sucesso material e a integração deste subgrupo de retornados dependeu, na maior parte dos casos, mais do seu espírito empreendedor individual do que das ligações familiares à metrópole.

Existem vários fatores que explicam a receção negativa dos retornados na sociedade portuguesa. Em primeiro lugar, esta população foi largamente identificada, na esfera pública e privada, como colonialista e cúmplice da empresa colonial. Tal identificação encerra uma das enormes contradições da sociedade portuguesa pós-colonial: enquanto criticou negativamente os "retornados," a sociedade metropolitana não rejeitou nem condenou a presença portuguesa em África, tal como não reconheceu as injustiças contra as populações africanas subjugadas ao colonialismo português. Nesta falta de consciência coletiva reside, segundo Eduardo Lourenço, o grande drama da sociedade portuguesa:

Embora organicamente colonizadores (mais que não fosse pela inconsciência de não saber que o eram, sendo-o superlativamente), a maioria dos portugueses só se sentia *colonialista* por conta alheia (os colonos), como se

sentiu *anticolonialista* pela mesma razão, ao descobrir que esses 'colonos' se haviam convertido num obstáculo à solução do nosso drama nacional. (*O fascismo* 187)

Além disso, a maior parte da população que tinha emigrado para África durante o regime salazarista não era vista, nem geralmente se autoidentificava, como um grupo de emigrantes que pretendia regressar a Portugal, sendo, portanto, despreocupada com manter laços com as suas comunidades de origem, o que a distinguia do grupo de emigrantes que escolhia destinos europeus.<sup>7</sup> Por isso, em termos simbólicos, para as comunidades metropolitanas o colonialismo envolveu uma certa dose de ressentimento pelo facto de considerarem terem sido abandonadas.<sup>8</sup> A narrativa de *Os Pretos de Pousaflores* ilustra muitíssimo bem esta questão através da relação entre Silvério, que tinha ido para Angola para nunca mais regressar a Portugal, e a sua irmã Marcolina, que nunca saiu da aldeia natal e guarda um profundo ressentimento relativamente ao irmão.<sup>9</sup> Um exemplo dessa atitude ganha expressão numa longa passagem da qual escolho as seguintes palavras:

Raios te partam, Silvério, má hora sermos família.... Ditava ao Ti Perdigão, que Deus o tenha, cartas para ti. Raramente deste resposta ... e eu aqui, a sacrificada.... Só Deus sabe o que passei. Suor e lágrimas de sangue, mesmo sem filhos, que me casei passada a idade. Os bens são meus, santa paciência, não andei a vida inteira a sacrificar-me para tu vires um dia tirar-me as terras. Deus te livre. Enquanto andavas lá a fazer filhos às pretas, nem percebo o gosto que elas te dão, quem se viu negra para salvar os terrenos fui eu. Ademais o paizinho disse que te havia de deserdar, comprou-te serrotes e tu nada, toca a andar. (141-42)

Quando a "repatriação" em massa ocorreu, a sociedade portuguesa encontrava-se num processo de profunda mudança política, a conjuntura social e económica de Portugal era caótica, o desemprego tinha disparado e o mercado imobiliário estava em recessão. Sendo mais escolarizados, profissionalmente mais versáteis e tendo apoio governamental através de subsídios, uma grande

parte dos retornados (brancos) beneficiou de um acesso facilitado aos mercados de trabalho e de imobiliário, o que acabou por gerar acusações públicas de tratamento especial e, consequentemente, por gerar estereótipos negativos.<sup>10</sup> Além disso, quem tinha perdido familiares na guerra colonial culpava frequentemente os retornados por essas perdas.<sup>11</sup> Ao ressentimento popular contra a guerra colonial juntou-se o retrato, feito pela imprensa pós-revolucionária, de uma população colonialista e exploradora, por isso, o seu "regresso" causou inúmeros anticorpos na sociedade portuguesa. 12

Como Lourenço observa, era impossível, numa "perspetiva anticolonialista coerente," distinguir e dissociar colonização de colonos, porque o que estava precisamente em causa era o estatuto destes últimos como colonizadores e colonialistas (O fascismo 187). A maior dificuldade era, portanto, "subtraí-los a um colonialismo inerente a esse estatuto sem os rejeitar da colonização como processo histórico irreversível, tal como até então o tinham praticado e vivido" (O fascismo 187). Se à metrópole coube uma culpa política, aos colonos-emigrantes coube, afirma Lourenço, uma culpa "irrecusável e inocente, como o colonialismo de que eram os agentes e actores objectivos, sem terem consciência de o ser" (O fascismo 188).

É importante notar que, na narrativa de Aida Gomes, a personagem de Silvério denuncia levemente a falta de consciência histórica e política que caracteriza o colonizador "ingénuo" de que fala Lourenço. Tal ocorre quando Silvério, na sua viagem de regresso a Portugal, referindo-se a um sujeito que ao seu lado discorria sobre as riquezas do empreendimento colonial que fora obrigado a deixar para trás, comenta: "O sujeito afirma que nunca tocou num preto! Como se isso o redimisse" (21). Ao sublinhar a impossibilidade de redenção do colono-emigrante, esta observação deixa transparecer uma certa consciência crítica sobre as relações de poder colonial e, ao mesmo tempo, realça a ideia de que não era preciso "tocar num preto" para exercer opressão e violência sobre ele. Apesar da leitura que faço desta passagem, convém enfatizar que Silvério não deixa de exibir características de colono-colonizador ao longo de toda a narrativa, claramente visíveis na forma como trata tanto as mulheres com que se relaciona como os seus filhos mulatos, mas também nos diversos comentários que vai tecendo a propósito da colonização portuguesa e da figura de Silva Porto. Silvério é, sob vários aspetos, uma personagem bastante complexa.<sup>13</sup>

Este colono chega a Angola quando Portugal se impunha como Próspero, para usar a metáfora de Boaventura de Sousa Santos, ou seja, num momento de ocupação efetiva dos territórios sob o domínio colonial (primeiras décadas do século XX). No entanto, a forma como a sua vida se desenrola ilustra as ambivalências apontadas por Santos sobre o colonizador português. De facto, se seguirmos de perto o percurso de Silvério, vemos que ele exibe mais uma vivência de subalterno (de Caliban) do que propriamente uma vivência de Próspero. Silvério é um branco pobre de uma aldeia remota do interior de Portugal, chega a Luanda só com a roupa do corpo, recorre à ajuda de uns primos ricos que nem se dignam recebê-lo e que comunicam com ele por intermédio de "mulatos" (69), foge do destino de "padeiro" que os tais primos lhe tinham reservado, deambula pela cidade, carregando a sua miséria ("metropolitano recém-chegado; apenas um fato no corpo, fome e sede" 70) e, como não tem nada a perder, alista-se no "exército que recrutava auxiliares indígenas para pacificar a zona de Benguela," sem que tivesse a mínima "noção do significado das palavras indígena, colono e colonato" (70). Entretanto, contrai paludismo (o que o deixa num estado de cogitação febril, momento em que faz um ajuste de contas com as suas memórias, confessando a raiva contra os familiares que deixou em Portugal, contra os primos que não o acolheram bem e, ainda, contra o mulato que lhe deu ordens em Luanda), cafrealiza-se durante 16 anos, fazendo amizade com o soba Chingandji, até que abandona a aldeia dos Mutileles e abre uma pequena loja e um restaurante na cidade. Ainda que não deixe de o ser, Silvério não parece conviver bem com a sua pele de colonizador e talvez seja por isso mesmo que, ao aterrar em Lisboa, se demarque dos restantes migrantes e diga aos filhos que não os "quer ver junto com os retornados" (22). Ou quereria Silvério apenas dizer com esta ordem que os seus filhos não eram "retornados" porque tinham nascido em Angola ao contrário de si próprio e de tantos outros portugueses? Esta descrição sumária da vida de Silvério em Angola visa ilustrar a heterogeneidade das experiências coloniais portuguesas em África e, consequentemente, complexificar o perfil dos retornados que chegam a Portugal no pós-25 de Abril.

As reflexões explícitas sobre os conceitos de "retorno" e de "retornado" são escassas em *Os Pretos de Pousaflores*. Ao escolher trabalhar o lugar do africano e

dos afrodescendentes na sociedade portuguesa, Aida Gomes chama a atenção para o conceito de "refugiado" e para aquela minoria que, pela cor da pele, não conseguiu tornar-se "invisível" no contexto da ex-metrópole. É a visibilidade marcada pela cor da pele (ou por outros traços fenótipos, como o cabelo)—que justifica o facto de os filhos de Silvério serem chamados de "pretos" (mesmo sendo mulatos), em vez de "retornados." Ou seja, neste caso, a alteridade baseia-se exclusivamente na questão étnico-racial. É curioso notar ainda que é pela voz de Deodata que se tem acesso neste romance a uma subtil problematização das etiquetas identitárias impostas a estes migrantes. Com efeito, Deodata, uma mulher negra que sai de Angola em busca da filha mulata, oferece uma perspetiva completamente apolítica dos termos "desalojado" e "refugiado" e, através dela, Aida Gomes parece enfatizar mais as perdas afetivas e menos as perdas materiais. A dimensão emocional implicada nas vivências desta personagem exerce na narrativa uma função hermenêutica, na medida em que a reflexão sobre o colonialismo e o pós-colonialismo não se limita a aspetos materiais nem à superficialidade dos rótulos. Veja-se como Deodata explica a diferença entre "desalojado" e "refugiado" e repare-se, em particular, na expressividade das frases curtas e das enumerações:

A diferença entre desalojados e refugiados está na paciência. Os desalojados perderam os bens. Perderam as casas. Querem ser escutados urgentemente e salvar o que perderam. Os refugiados não. Foram embora. Ninguém os mandou ir embora. Fugiram dos gritos, do fogo, da nuvem de fumo, das armas. Meteram-se à estrada, cesta na cabeça, biquatas nas quindas, o resto da fuba numa lata de conserva, criança abandonada e medo, muito medo. Mais não trouxeram. (156-57)

Vale a pena lembrar que a palavra "retornados" não surge muitas vezes neste romance e as poucas vezes em que aparece é usada para identificar "os outros," os "retornados" que se juntam quando a "Caritas distribui roupa," como diz Justino, ou os "retornados dos hotéis" que constituíam o grupo maioritário. A alusão mais direta a estes últimos encontra-se numa conversa de café entre vários metropolitanos, enquanto Silvério e os filhos esperam que apareça um táxi que

os leve a Pousaflores. Nessa breve conversa, Silvério é felicitado por ter preferido ir para a "terrinha" e não "se meter nos hotéis onde estão os retornados" a viver à "custa do Estado" (30). Ao demarcarem-se as diferenças entre "retornados," abre-se espaço nesta narrativa para variadas dimensões de alteridade. De facto, se lermos à letra este comentário, ficamos com a impressão de que foram apenas os laços familiares na "terrinha" que livraram Silvério de ser considerado "retornado" entre os seus conterrâneos. A maneira como os habitantes da aldeia veem Silvério faz pensar, deste modo, numa escala de exclusão social que irremediavelmente expõe o olhar discriminador dos "metropolitanos."

Ao contrário do que acontece no livro de Aida Gomes, a problemática em torno do conceito de "retornado" é desenvolvida explicitamente no romance de Dulce Maria Cardoso, aliás, o próprio título—*O Retorno*—obriga, desde o início, o leitor a tentar compreender o significado de "retornar" e a desvendar os equívocos associados a este conceito. Ao confrontar-se com o termo "retornado" quando chega a Portugal, um país que só conhece a partir das fotografias que viu e das histórias (reais ou idealizadas) que ouviu contar, Rui confessa:

Nunca tinha ouvido tantas vezes uma palavra, o IARN parecia mais importante e mais generoso do que um deus. Explicaram-nos, IARN quer dizer Instituto de Apoio ao Retorno dos Nacionais. Agora somos retornados. Não sabemos bem o que é ser retornado mas nós somos isso. Nós e todos os que estão a chegar de lá. (77)

Este fragmento é bastante significativo na medida em que Rui, confrontado com uma identidade imposta pelos outros (os da metrópole), se apropria dela aos poucos. Tal linha de separação identitária que lhe é imposta, e que ele acaba por assumir, reaparece constantemente no seu discurso, sempre que o jovem adolescente usa o binómio cá *versus* lá para descrever certas atitudes ou situações que separam retornados de metropolitanos. Estes advérbios de lugar funcionam, assim, no discurso de Rui, como um mecanismo de defesa, como se a demarcação destas fronteiras o ajudasse a compreender a sua nova identidade na ex-metrópole. Ao longo do romance, o leitor acompanha as inquietações de Rui e da sua família, e vai conhecendo tanto os estereótipos negativos atribuídos

aos retornados por parte dos metropolitanos<sup>14</sup> como também os estigmas que existiam entre os próprios retornados. A propósito dos estigmas e das divisões dentro do grupo dos retornados, leia-se, por exemplo, a passagem em que Rui denuncia tanto a posição privilegiada que os funcionários da administração colonial tiveram depois da chegada a Portugal como o estigma que recaiu sobre o grupo que a sociedade apelidou de "retornados dos hotéis":

Toda a gente no hotel sabe que o Juiz nunca foi juiz, nem sequer empregado do tribunal, os que lá trabalhavam para o estado não estão nos hotéis, têm a vida arranjada, foram colocados nalgum sítio, ou reformaram-se, alguns até têm trabalho e reforma. São compensados como se tivessem estado no inferno enquanto nós somos tratados como se tivéssemos de ser castigados. Os retornados que não estão nos hotéis evitam os retornados dos hotéis, acham que somos besugos, não vínhamos de férias à metrópole nem acautelávamos a vida cá, não fomos espertos como eles, ou melhor, eles não foram parvos como nós, não enterraram naquela terra cada tostão que ganharam. De certeza que lá o Juiz era outra coisa qualquer mas ninguém o desmente como também ninguém desmente os que se gabam das casas com piscina ou das fazendas com campos de algodão a perder de vista. Ninguém desmente porque não interessa, perdeu-se tudo, o muito e o pouco que se tinha. (116-17)15

A heterogeneidade que caracteriza este grupo de pessoas e os equívocos associados à palavra "retornado" são ilustrados de diversas maneiras neste romance; vejamos mais dois exemplos. O primeiro encontra-se no discurso afetivamente distanciado, mecanizado e monocórdico da diretora do hotel, através do qual o leitor fica a conhecer os diversos tipos de pessoas que chegavam a Portugal e a "sorte" que lhes estava reservada à chegada:

Estão num bom hotel.... No meio do azar ainda tiveram sorte, há famílias instaladas em parques de campismo ou em pensões miseráveis, ao menos calhou-vos um hotel de luxo.... Infelizmente não acontece o mesmo a toda a gente, há pessoas a quem a família vira as costas, é bem verdade que quando se precisa é que se vê com quem se pode contar, tem havido tanta desilusão. E, claro, há os que não têm cá ninguém, já os pais e os avós tinham nascido em África, não sei se é o vosso caso. Isto para não falar nos de cor, esses coitados é que não têm a quem recorrer, tem sido uma desgraça. (69)

O segundo exemplo diz respeito à personagem de Pacaça que, por ter nascido em Angola e ter vivido em Moçambique, se assume como "o retornado mais retornado do hotel," sem, no entanto, deixar de informar que, afinal, não é "retornado de coisa nenhuma," pois "a bem dizer nunca ... tinha posto os pés" em Portugal e já o seu avô tinha saído dali "com a jura de nunca" lá voltar. (116). O exemplo de Pacaça é interessante porque, ao mesmo tempo que diz ser retornado, nega essa mesma identificação, dando conta tanto da ambiguidade do termo, quanto do facto de a construção da identidade ser sempre um processo relacional. Com efeito, como lembra Boaventura de Sousa Santos, "[a]s identidades são o produto de jogos de espelhos entre entidades que, por razões contingentes, definem as relações entre si como relações de diferença e atribuem relevância a tais relações" (46).

A par da história de Pacaça, exemplo do "retornado" que condena o modo como a descolonização foi feita e lamenta o que deixou para trás, esta narrativa oferece-nos outros perfis psicológicos de retornados: os saudosistas do império que ainda acreditavam poder voltar, os que apoiavam a independência porque achavam que os laços administrativos com a metrópole eram mais prejudiciais do que benéficos em termos económicos, e os que tinham uma consciência crítica do império colonial, considerando que "o império era uma vergonha" (116). A este grupo tão heterogéneo acresce, igualmente, o dos africanos que, com medo da guerra, se juntavam nos aeroportos e portos à espera de embarcar, como descreve o narrador: "[t]ambém há pretos aqui, pretos vindos de todos os lados, descalços e sujos, pretos fugidos dos quimbos com medo da guerra, até os pretos querem ir para a metrópole" (61).

*O Retorno*, na minha leitura, problematiza abertamente a suposta boa integração dos que, na metrópole, eram vistos como "portugueses de segunda," chamando a atenção para a diferença entre "brancos ricos" e "brancos pobres" e, sobretudo, para a imagem do colonizador como Outro—aquele cuja experiência

colonial se formou mais por razões económicas do que por razões ideológicas. Deste modo, torna-se pertinente a distinção entre colono-colonizador e colono-emigrante, ainda que não se possa desresponsabilizar historicamente este último grupo no contexto das relações de poder colonial. Assim, mesmo que se distinga colonizador de emigrante e se destaquem as razões económicas que levaram muitos portugueses a emigrar para África, precisamos de estar conscientes de que as relações de poder e as práticas raciais típicas do colonialismo não deixaram de ser praticadas também por estes portugueses de classes sociais mais baixas.<sup>16</sup>

A autora, Dulce Maria Cardoso, numa entrevista em 2011 ao programa televisivo Câmara Clara, afirmou que não quis com a escrita deste livro fazer terapia ou um ajuste de contas com o passado, porém, a sua narrativa dá-nos acesso a diversas posições sobre a experiência colonial portuguesa e sobre o processo de descolonização. O tom crítico em relação aos eventos históricos é inegável. Este livro—modelado pela questão da perda<sup>17</sup>—propõe uma reflexão explicitamente crítica sobre o fim do império colonial português<sup>18</sup>, sobre a vivência conturbada dos colonos-emigrantes brancos quando regressam a Portugal (em particular dos que ficaram desapossados de bens e foram alojados em hotéis), bem como sobre os preconceitos da ex-metrópole em relação a estes. Em contrapartida, no caso do romance de Aida Gomes, o leitor depara-se com um recorte do processo histórico da descolonização pelo viés da dificuldade que a ex-metrópole teve em integrar a diversidade racial que compunha a sociedade das ex-colónias, diversidade que inevitavelmente passou a fazer parte da sociedade portuguesa pós-colonial. Na leitura que proponho, ambas as autoras desconstroem, respetivamente, dois mitos que alimentam até hoje um certo imaginário coletivo português: por um lado, o mito racial de que o colonialismo português foi um colonialismo suave porque a sociedade portuguesa não é racista e, por outro, o mito sociopolítico de que os retornados foram recebidos bem e integraram-se rapidamente.

Grande parte dos factos narrados em ambos os romances tem um fundo autobiográfico; por isso, ganha relevância a questão da perspetiva testemunhal destes textos (não esqueçamos também que ambas as narrativas são de primeira pessoa, mesmo que no caso de *Os Pretos de Pousaflores* tenhamos acesso

à voz de seis narradores diferentes). Na verdade, sabendo que Dulce Maria Cardoso viveu, durante alguns anos, a situação de "retornada de hotel" e que Aida Gomes, mulata e filha de pai português, viveu, também durante alguns anos, numa aldeia do interior de Portugal, é lícito perguntar de que forma as autoras estão implicadas nos textos que escreveram. Isto é, como questiona Ana Margarida Fonseca, "qual a ligação entre o testemunho ficcional das personagens e um eventual comprometimento do autor empírico?" (79). Como subalternas (no sentido de que foram testemunhas de situações de exclusão quando chegaram a Portugal) e como autoras empíricas dos textos, Cardoso e Gomes usam a experiência biográfica para, em certo sentido, convocar leituras em termos coletivos sobre o fim da experiência colonial portuguesa, o reajustamento à dimensão europeia, o trauma da despossessão, o desenraizamento e o racismo da sociedade portuguesa. Mais do que o binómio colonizador/colonizado, estes livros abordam sobretudo o confronto eu-outro.

Este confronto aparece em *O Retorno* de variadíssimas formas: no momento acima referido em que Rui dá conta das diferenças entre retornados ricos e pobres; quando se refere ao facto de a irmã ter vergonha de ser "retornada" e, por isso, tentar fingir que é metropolitana, ou até nos momentos em que ele, sentindo-se humilhado (ora por uma das professoras, ora por outros retornados), reproduz no seu discurso os próprios mecanismos de dominação e racismo coloniais. Leia-se: "[a] puta a justificar-se, os retornados estão mais atrasados, sim, sim, devemos ter ficado estúpidos como os pretos, e os de cá devem ter aprendido muito depois da merda da revolução" (140) ou "eles [os retornados brancos das classes média e alta] merecem que lhes roubem os contentores, merecem terem sido expulsos, merecem tudo o que lhes aconteceu, até os tiros merecem, devem pensar que podem gozar comigo como gozavam com os pretos, ou devem pensar que eu sou preto" (207).

No que diz respeito à narrativa de Aida Gomes, podemos, por exemplo, encontrar esse confronto eu-outro, no facto de os três irmãos poderem ser simultânea e paradoxalmente vistos como colonos (filhos mulatos de um colono português) e colonizados (filhos de mães negras, oprimidas oprimidas tanto pelo homem branco como pelo poder colonial). Além disso, ao chegarem a Portugal, e mesmo sendo filhos de um português, são vistos como os

outros, <sup>19</sup> "os pretos da Guiné" <sup>20</sup>. Da mesma maneira, Justino, o filho mais velho de Silvério, constrói a sua identidade, contrapondo-se aos outros, os brancos da ex-metrópole: vendo sabotados os seus projetos enquanto músico, identifica os seus inimigos como "brancos colonialistas" e afirma estar "farto de ser espezinhado e maltratado" numa terra que nem considera sua (122). Ao longo da narrativa, Justino vai tentando perceber quem é, até que se afirma angolano e, mais precisamente, mutilele em contraponto ao comportamento hostil dos "tugas"—que aos seus olhos são "mal-dispostos," "mal-educados," "criam frustração" (285) e são "mulas quadradas," pois pensam que os africanos só servem "para carregar tijolos e limpar a merda." (169)

A questão da alteridade está presente também nestes dois romances na perceção que, à chegada, os "retornados" têm da metrópole. Em ambas as narrativas, a chegada a Portugal é inegavelmente um momento que desencadeia sentimentos de rejeição e hostilidade. Sentimentos que aparecem, aliás, verbalizados. Se, em *O Retorno*, a frase que abre a segunda parte do romance—"Então a metrópole afinal é isto" (65)—dá ao leitor, de imediato, um expectativa negativa e um tom de deceção que vai alimentar o discurso do narrador,<sup>21</sup> em *Os Pretos de Pousaflores*, a descrição feita por Ercília (o elemento mais novo da família Prata) no momento da sua chegada ao aeroporto de Lisboa deixa entrever uma estranheza bastante mais profunda. Neste último caso, repare-se na expressividade negativa do verbo "empurrar" e no trágico paradoxo que sobressai quando se associam os atos de "empurrar" e de "receber as boas-vindas":

Empurram-me contra o cartaz da parede. Letras azuis e brancas, Bem-Vindos a Portugal.... Avalanche de vozes nos corredores. Portas de vidro e metal cinzento.... Não vejo o pai. Nem o Justino. Nem a Belmira. Sumiram-se. Nuvens cinzentas nas portas do vidro. Estico-me. Na ponta dos pés. As solas das sandálias dobram-se. As correias magoam-me. Tropeço. (22)

O espaço metropolitano que surge nos dois romances não é exatamente o mesmo. Enquanto a narrativa de *O Retorno* se localiza no litoral—na capital e, mais especificamente, numa área turística do país (o Estoril), a narrativa d'*Os Pretos de Pousaflores* desenrola-se numa aldeia do interior (onde são escassas

as vias de comunicação e rudes as condições de habitabilidade) e, mais tarde, também na margem sul do Tejo, para onde afluem migrantes de várias proveniências. Deste modo, em certo sentido, estes dois livros complementam-se na medida em que, através do binómio cidade/contexto urbano versus campo/ contexto rural, nos dão conta de uma realidade social extremamente complexa e multiforme. No entanto, apesar destas diferenças de localização espacial, a representação da ex-metrópole e dos metropolitanos nos dois romances aponta para características comuns (como, de resto, também acontece noutros livros que versam as mesmas temáticas, tais como Esplendor de Portugal (1997) de António Lobo Antunes ou Cadernos de Memórias Coloniais (2009) de Isabela Figueiredo). Quando comparada com as ex-colónias (nomeadamente Angola e Moçambique), a metrópole é sinónimo de pobreza, atraso económico, claustrofobia social, conservadorismo, analfabetismo, entre outros traços pouco abonatórios para um país que se imaginava centro de um grande império. A pobreza e a falta de oportunidades económicas fora, com efeito, o motivo que levara tanto o pai de Rui como Silvério a emigrarem para Angola. Ambos portugueses pobres do interior do país, tinham visto a emigração para África como uma forma de escapar à miséria e à terra que lhes pedia "suor, lágrimas e sangue e em troca" apenas lhes dava "um pedaço de pão duro" (O Retorno 257).

O mesmo desapontamento que Rui e a sua família sentem no trajeto de táxi até ao hotel (durante o qual são confrontados com uma metrópole "acanhada," "suja" e pouco digna de hinos) ecoa nas palavras dos narradores de *Os Pretos de Pousaflores*. Por exemplo, as impressões de Ercília durante a viagem de táxi por Lisboa dão-nos conta da estreiteza das ruas acidentadas (travessas, calçadas, becos) e de nomes de ruas sem qualquer esplendor como "Travessa Triste e Feia," "Calçada dos Tremoceiros" e "Beco dos Galinheiros" 22. Após uma longa viagem de "machimbombo" até ao interior do país, o cenário encontrado pelos três irmãos é desolador. Para Justino a metrópole é um poço de contrastes, é o fim do mundo, lugar em que nada acontece e "tudo é pedra" (25-27). A insistência no facto de tudo à sua volta ser de pedra ("terras de pedra," "aldeia de pedra," "horizonte de pedra," "porcaria de aldeia de pedra," "cena de pedras") e de nas ruas só conseguir ver uma "velhota da antiguidade portuguesa," vestida de negro, aumenta o sentimento de desolação que o incita a afirmar: "Se isto é Portugal,

honestamente falando, estamos mal, desde que chegamos é marcha de cortejo fúnebre. Vou-me validar perante o velho. Tenho a informar, não concordo com Portugal" (28). Para o leitor, este cenário de desolação e atraso descrito por Justino contrasta radicalmente tanto com a sua aparência física, vestuário e adereços angolanos, quanto com o seu otimismo e o seu cosmopolitismo cultural.

Uns meses depois da chegada dos três irmãos e do pai, as primeiras impressões de Deodata sobre a metrópole não são mais edificantes—dentro do "machimbombo" em direção ao norte do país, a "crespidão de Lisboa machuca--[a]. As ruas apertadas desapontam-[na]" e a paisagem que vai vendo pela janela parece-lhe "igual ao que Silvério" lhe descrevia (156). A ideia de que nada mudou, mesmo passados quarenta anos, é reiterada pelo próprio Silvério. Ao chegar à sua aldeia de origem, Silvério sente que "[n]ada mudou no intervalo da [sua] ausência" (48) e o que vê é simplesmente a monotonia da vida rural portuguesa, onde nada acontece, onde os Almanaques regulam a vida e o tempo das sementeiras e aos domingos é dia santo. O reencontro com a família afigura-se-lhe extremamente penoso e imagina-se como Lázaro "ressuscitado na Galileia," já que, ao partir, pensara nunca mais retornar àqueles montes (32).

A decadência e o atraso dos "metropolitanos" vai emergindo a cada página do romance de Aida Gomes, ora através de certas observações de Silvério sobre a banalidade das conversas dos homens que encontra no café ou de certas imagens como a do calendário suspenso na parede do café, sarapintado de "caganitas de moscas" (31), ora através da descrição da casa de Marcolina. Sobre esta última, é Justino quem nos oferece as observações mais críticas, salientando a rude miséria das instalações. É importante notar que as críticas deste jovem são quase sempre entrecortadas de informações sobre as suas vivências em Angola, facto que deixa entrever que as condições de vida que tinha na colónia estavam longe da exiguidade dos espaços e da pobreza que foi encontrar na chamada metrópole. Veja-se, por exemplo, o momento em que Justino descreve as instalações sanitárias da casa da Tia Marcolina. Preocupado com a sua aparência física e sobretudo com o aspeto do seu cabelo, Justino declara:

Pode acontecer-me tudo em Portugal, mas a imagem é capital. Um chuveiro resolve parte, o resto é óleo de coco. Vou precisar é de loção.

A velhota indica-me um compartimento ao lado da cozinha, atrás do alpendre, um abrigo de telhas, parede de cimento e pedra mal rebocada. A porta presa por dobradiças enferrujadas.... Estamos lixados, eu acho. Casa de banho em casa de pedra. Um frio de rachar, mas melhor filosofia é nunca desanimar. Puxo pelo regador preso à parede com um prego e uma corda. A água jorra quente e acumula-se na bacia de zinco onde tenho os pés. Sistema de técnica de inclinação da água, superior a banho de caneca. Faz lembrar, igualmente bom, banho de chuva. O que me está a preocupar é a barra de sabão azul. Sinceramente falando, sabão que não é sabonete Lux com uma gaja asiática na embalagem estraga a pele. (41)

A exiguidade e a falta de condições da casa de Marcolina ganham relevo quando se conhecem as condições em que os recém-chegados vão dormir. Excetuando o quarto de Marcolina (que tinha, aliás, sido o quarto dos pais), resta uma saleta que só tem uso na Páscoa, o alpendre e o palheiro, lugares onde os inesperados membros da família terão de, como diz Marcolina, se "amanh[ar] como puderem!" (44) Para além da rudeza das condições físicas, Justino informa também o leitor sobre o vestuário antiquado dos metropolitanos quando comparado com as roupas coloridas e sempre na moda que se usavam em Angola. Este é, aliás, um tópico também explorado pelo narrador de *O Retorno*, onde, em vários momentos, o leitor tem acesso a comentários sobre o conservadorismo das roupas da metrópole, a sua falta de cor e de estilo. Em plena adolescência, Rui e Justino sentem-se desenquadrados, principalmente este último por se ver confrontado com uma realidade rural e atrasada que, até então, desconhecia.

Outros aspetos que caracterizam a metrópole são a falta de instrução e o analfabetismo. Em *O Retorno*, através de Rui, o leitor fica a saber das "cartas com muitos erros" que chegavam a Angola e "que levavam a pensar que na metrópole não havia a régua nem o caniço da professora Maria José" (35). Em *Os Pretos de Pousaflores*, esta questão é muito mais evidente e surge personificada na figura de Marcolina. Com efeito, Marcolina representa metonimicamente a metrópole atrasada, analfabeta, supersticiosa, conservadora, lamurienta, autoritária, racista, avessa ao progresso e à ideia de sair da sua aldeia. Analfabetismo, religião e superstição convivem em harmonia nesta

personagem: Marcolina fala como se rezasse e no seu discurso tanto aparecem assuntos de astrologia, quanto referências a santos, a Deus e ao Diabo. É Silvério quem explicitamente denuncia o atraso das gentes da aldeia e da sua família quando, demarcando-se destes, afirma: "Nunca se desembaraçam de crenças inúteis os que não sabem nem ler, nem escrever." (32) São vários os exemplos que se poderiam citar para ilustrar todas estas características cujo epítome é Marcolina, mas veja-se apenas a passagem em que, abertamente, esta se declara racista, implicando todos os metropolitanos nessa declaração e traçando uma fronteira entre o eu e o outro, ou seja, o branco-português e o negro-africano. No seu mundo de binários, não há lugar para os mulatos, por isso, considera-os uma "raça falsa." O discurso de Marcolina abaixo citado está envolto de um profundo essencialismo racista, na medida em que ela define a identidade dos portugueses como não tendo "nada a ver com pretos," como se Portugal não tivesse mantido durante vários séculos relações com o continente africano e como se essas relações não tivessem produzido situações identitárias e raciais híbridas:

Não gosto de pretos. Saiu-me, está cá fora, até durmo melhor. Não gosto deles, pronto! O que é que queres que te faça? Agora que temos televisão farto-me de os ver. São muito bons no atletismo e nos futebóis, dançam e cantam que se fartam, pois a mim não me encantam. Não gosto deles e muito menos de mulatos, e vê lá a minha sina, tenho-os em casa. Raça falsa, só a Ercília, coitada, é obediente, saiu a mim. A gente aqui em Portugal não tem nada a ver com pretos. Perdemos as colónias foi a maior bênção que Deus nos deu. Eles que fiquem na terra deles, a gente fica na nossa, que aqui ao menos não é uma bandalheira como lá! E tu apareces-me aqui com três mulatos. No começo até tinha vergonha de sair à rua. (142-43)

Ao declarar não gostar de "pretos" nem de "mulatos," Marcolina faz-nos pensar na ambiguidade do conceito de fronteira. Ou seja, se por um lado o discurso de Marcolina invoca a dimensão de fronteira-muro quando diz que ela (Portugal) nada tem a ver com "pretos" ou "mulatos," por outro, invoca também a dimensão de fronteira-ponte quando afirma que Ercília é obediente porque saiu a si ou, ainda, quando confessa que ela e Deodata são "família." Leia-se: "Gosto

das coisas feitas a tempo e horas e não admito falta de respeito. Nisso somos parecidas. Ó Deodata, se te faltam ao respeito, é como se me faltassem a mim. Prezo muito a minha família!" (194-95). Ao mesmo tempo que Marcolina, na sua visão maniqueísta do mundo, se revela incapaz de aceitar o outro (o diferente), é curiosamente capaz de ultrapassar, em alguns momentos, essa barreira através de um processo de identificação que envolve traços individuais e afetivos. Seja como for, essa destruição da fronteira da cor é feita de forma muito ténue e resulta sobretudo da concretização positiva dos seus próprios interesses e expectativas. Isto é, no caso de Ercília, Marcolina valoriza a sua capacidade de obediência e por isso se identifica com ela, no caso de Deodata, Marcolina aprecia a sua capacidade de trabalhar no campo, bem como a sua disponibilidade para ajudá-la de várias maneiras.<sup>23</sup>

O paradoxo entre o atraso dos colonizadores metropolitanos e o avanço dos colonizados africanos é realçado ostensiva e propositadamente neste romance. Aliás, a escolha de Aida Gomes de colocar as suas personagens a viver numa pequena aldeia do interior não terá sido gratuita. Em O Retorno, este paradoxo, embora mais esbatido porque a narração tem lugar na capital, também está presente—o que Rui e a irmã conhecem da metrópole antes de lá chegarem é sobretudo as histórias da pobreza, da miséria e da fome que forçaram os pais a emigrar para África na década de 50. A insistência no atraso tecnológico e social, na rudeza das condições de habitabilidade e no conservadorismo das mentalidades serve para enfatizar o carácter periférico da metrópole e, consequentemente, o anacronismo do colonialismo português. Com efeito, o regime salazarista, avesso à ideia de mudança, atrofiou o sistema económico e a mudança de hábitos e mentalidades na metrópole, promovendo a sua "missão civilizadora" no momento em que os outros impérios começavam a descolonizar. De uma forma geral, ambos os romances aqui analisados sublinham o caráter periférico da metrópole no contexto europeu—periferia geográfica, política, cultural e imperial<sup>24</sup>, mas sobretudo acentuam o caráter periférico da metrópole relativamente às colónias—atraso económico e de mentalidades. Um trecho bastante ilustrativo da ideia da pequenez da metrópole versus a imensidão das colónias encontra--se na referência à exiguidade do território português (Angola é "catorze vezes e meia maior do que a metrópole" 30) e ao seu subdesenvolvimento económico

("não havia mais nada na metrópole do que fome e piolhos" 30). Acabado de chegar ao hotel onde irá ficar alojado, Rui pensa:

A metrópole tem de ser toda como este hotel, o que hoje vimos antes de aqui chegar só pode ser um engano. [...] Portugal não é um país pequeno, era o que estava escrito no mapa da escola, Portugal não é um país pequeno, é um império do Minho a Timor. [...] um império tão grande como daqui até à Rússia não pode ter uma metrópole com ruas onde mal cabe um carro, não pode ter pessoas tristes e feias, nem velhos desdentados nas janelas tão sem serventia que nem para a morte têm interesse. (83-84)

As alusões à dimensão física da metrópole, que este trecho ilustra, ajudam a refletir sobre a adequação da autoimagem de Portugal enquanto nação reduzida à estrita dimensão europeia. A esta reterritorialização da metrópole junta-se a reavaliação dos novos espaços de subalternidade que se formam com a chegada dos retornados, com as migrações internas (do interior para o litoral) e, mais tarde, de novos fluxos migratórios vindos do exterior. No dizer do sociólogo Miguel Vale de Almeida, "[o] país que não é pequeno—colonial, imperial, emigrante e internacionalmente isolado—teria passado a ser um país pequeno—nacional, 'imigrante' e integrado na Europa," revelando-se uma situação irónica: "a sua 'grandeza' anterior constituía a sua 'pequenez' (isolamento internacional, emigração, pobreza nacional, monoetnicidade)" (362). Estas questões são exploradas de forma mais direta em *Os Pretos de Pousaflores*, dado que o âmbito cronológico deste romance é mais dilatado do que em *O Retorno*, cujo tempo da narrativa se concentra praticamente num ano.

Dulce Maria Cardoso afirmou na entrevista acima referida que o final do seu livro apresenta uma nota de esperança. Na verdade, não discordo da autora, já que a chegada do pai são e salvo à metrópole traz consigo a ideia de recomeço e, por conseguinte, de esperança. No entanto, essa nota positiva parece esbater-se (ou até desaparecer) quando o que está em causa é o futuro da ex-metrópole como sociedade pós-colonial. No monólogo final de Rui, o jovem não consegue entrever um futuro otimista e é ainda mais curioso que seja o próprio pai (através do discurso indireto livre) o veículo dessa ideia. Entre os

seus grandes planos para o futuro, esconde-se a antevisão de dificuldades: "Sei que os do IARN vão comer-nos os olhos com os juros só que não tenho escolha, o pai diz-me estas coisas mas pede-me sempre, não digas a ninguém o que eu disse, é mais difícil trabalhar para pagar o que se acha injusto, ninguém precisa de saber que vai ser assim" (258). A questão da falta de esperança é ainda mais relevante em Os Pretos de Pousaflores. Se a morte de Marcolina pode simbolizar a morte de um Portugal atrasado, o percurso dos restantes narradores acentua a dificuldade de integração na sociedade portuguesa. Silvério morre mentalmente desde que chega à ex-metrópole, Belmira, que tinha alma de poetisa, prostitui-se e acaba por emigrar, e Justino precisa de sair de Portugal e regressar à jovem Angola (o seu "lugar de origem" 288) para constituir família. Quase de partida para Angola, o desabafo que o jovem faz sobre a sua vivência e a das suas irmãs em Portugal é profundamente avassalador, leia-se: "Qualquer plano que nos tire daqui é bom. Um gajo aqui, por mais que não queira, começa a perspectivar a possibilidade de disparar contra os miolos do próximo tuga que ponha a cabeça fora da janela de um carro ... as minhas irmãs se não vêm connosco para Angola vão dar-se mal" (286-87).

Os movimentos de deslocação experienciados por Belmira e Justino dão conta da dificuldade de pertença a Portugal. Só Ercília e Deodata parecem adaptar-se à metrópole, mas a que custo? Deodata envelhece, cuidando de Silvério, e vai perdendo aos poucos as memórias da sua Angola. Além disso, o leitor percebe, em vários momentos, que a sua integração em Pousaflores é mais física do que cultural, isto é, Deodata organiza a sua vida em termos de sobrevivência material, mas não cria relações de pertença à aldeia onde vive, nem constrói amizades com os seus habitantes, porque estes, embora a respeitem por ser uma mulher trabalhadora, continuam a vê-la como estrangeira. Já Ercília sai de Pousaflores para estudar agronomia, mas, pelo que Deodata diz, interessa-se pouco pelas questões da terra. A hostilidade com que estes migrantes são recebidos na ex-metrópole perdura ao longo da narrativa e acentua, na minha leitura, o pessimismo em relação ao futuro.

Centrando-se no contexto da sociedade portuguesa pós-colonial, os dois romances aqui em análise têm o mérito de alargar o debate sobre as implicações sociais e identitárias da chegada de mais de meio milhão de pessoas a uma

sociedade que estava a libertar-se de um longo regime ditatorial e de uma experiência colonial de quase cinco séculos. Estas duas narrativas dão voz a dois grupos de pessoas pessoas—"retornados dos hoteis" e refugiados africanos (negros e mulatos)—cujas histórias só agora começaram a ser contadas e problematizadas.

## Notas

- Este trabalho foi desesenvolvido no âmbito de um curso de literatura pós-colonial em língua portuguesa com a professora Leonor Simas-Almeida, a quem agradeço a leitura atenta e as sugestões que resultaram da sua minuciosa revisão do texto.
- <sup>2</sup> Neste sentido, como observa Ana Margarida Fonseca, a reescrita da história portuguesa em contexto pós-colonial—como é o caso dos dois romances aqui em escopo—"revela-se pertinente não só para ex-colonizados como também para ex-colonizadores, uma vez que estes últimos são desafiados a questionar uma história ideologicamente determinada pelos princípios do Estado Novo e dos seus mitos imperiais" (101). Esta posição entronca-se, aliás, na proposta de reflexão de Arif Dirlik, quando afirma: "the end of colonialism presents the colonizer as much as the colonized with a problem of identity" (337).
- <sup>3</sup> Eis alguns dados sobre este fluxo migratório: pelo Censo de 1981, estima-se que 505,078 pessoas chegaram das ex-colónias a partir de 1973. Em termos de proveniência, de Angola seriam 61% das pessoas, de Moçambique 33% e 6% de outros territórios. Cerca de 60% tinha nascido em Portugal e emigrado nas décadas de 50 e 60 e os restantes 40% tinham nascido em África e/ou apenas tinham laços ancestrais em Portugal. Entre os retornados, a percentagem de analfabetismo era de 6%, enquanto na metrópole era de 30% (Pires e Silva). De acordo com Stephen Lubkemann, esta população "retornada" era internamente diferenciada "in terms of at least three key factors: race, class, and strength of family ties in Portugal" ("Race, Class, and Kin" 76).
- <sup>4</sup> Em grande parte, o sucesso de tal integração implicou, como afirma Lubkemann, o repúdio de "any special retornado identity or recognizable retornado political interest group" ("Decolonization" 258). Tal estratégia acabou por ironicamente isolar aquele grupo de pessoas "who were prevented by race from rendering themselves similarly invisible" ("Decolonization" 258). Numa perspetiva comparativa, tem sido lugar comum aproximar o processo de integração dos "retornados" em Portugal ao dos "pieds-noirs" em França. Com efeito, é frequente encontrar a ideia de que a boa integração e a inexistência de uma minoria socioeconómica e política que representasse os interesses dos "retornados" na sociedade portuguesa se deveu ao facto de a maioria ter nascido ou ter laços familiares em Portugal, ao contrário do que aconteceu com os "pieds-noirs" em França.
- <sup>5</sup> Sobre este último subgrupo, Lubkemann refere que aqueles retornados "who showed phenotypic evidence of black African parentage" permaneceram "higly visible and marked in Portuguese society as 'racial others'" ("Decolonization" 266). E, assim sendo, não admira que tenham sido reclassificados e injustamente postos na mesma categoria dos emigrantes africanos que chegaram a Portugal na década de 80 e que não tinham direitos de cidadania. Nas palavras de Lubkemann, a identidade deste subgrupo foi "involuntarily reascribed to conform to a conception of Portuguese national identity in which race, nation, and increasingly location

would be seen to coincide" ("Decolonization" 266). Lubkemann refere-se, neste contexto, especificamente ao elevado número de cabo-verdianos que emigraram para Portugal durante os anos 80 para trabalhar na construção civil.

- <sup>6</sup> Excluo deste grupo os ex-combatentes, pois, como diz Ana Margarida Fonseca, estes foram acolhidos com relativo contentamento e vistos "como heróis no pós-25 de Abril" (74).
- É sabido historicamente que o próprio regime salazarista não facilitava as remessas de dinheiro das colónias para a metrópole, com o objetivo de "obrigar" a permanência dos colonos/emigrantes nos territórios ultramarinos. Uma das estratégias foi inclusivamente a diferenciação do tipo de moeda usada em Portugal e no então "Ultramar."
- $^{8}\,\,$  Lubkemann explora esta questão com mais pormenor, a partir do seu trabalho de campo em Portugal.
- <sup>9</sup> A relação de Marcolina e Silvério vai ao encontro da ideia de Lubkemann de que alguns retornados que voltaram aos seus lugares de origem, onde ainda tinham familiares, foram tratados como 'internal strangers', à semelhança do que aconteceu com aqueles que não foram recebidos pela família ou que não tinham ligações familiares em Portugal. Muitos destes acabaram por se deslocar para a periferia dos centros urbanos ("Race, Class, and Kin" 84). Aliás, é isto mesmo que acontece com os filhos de Silvério.
- As acusações mais frequentes diziam respeito ao facto de os "retornados" chegarem a Portugal e roubarem os empregos e as casas aos portugueses que viviam na metrópole. Tais acusações eram, aliás, veiculadas pela imprensa da época, como refere Lubkemann ("Race, Class, and Kin" 78).
- No romance de Dulce Maria Cardoso esta questão é problematizada por Rui quando este se refere a Vítor, um dos empregados do hotel e irmão de um soldado que regressou "maluco" da Guiné (128-29).
- De acordo com Ovalle-Bahamón, "In effect, retornados became the signifiers of colonialism in Portugal, and their presence in Portugal inspired a transformation of the imagined Portuguese nation. The retornados' presence permitted the reinvention of Portugal and the Portuguese as part of the European nation-state system, distancing the nation from colonialism and locating *retornados* at the margins of Portugueseness" (159).
- Esta personagem presta-se a comentários bastante mais profundos do que aqueles que faço neste ensaio. A obsessão de Silvério pela figura histórica de Silva Porto pode, por exemplo, ser um excelente ponto de partida para uma reflexão sobre o colonialismo português e sobre o que nele há de diferente e semelhante relativamente ao colonialismo britânico. Medeiros chama a atenção para o facto de J. M. Coetzee e de Agualusa se apropriarem de figuras canónicas das literaturas inglesa e portuguesa para explorar e problematizar as condições pós-coloniais. Aida Gomes parece fazer o mesmo neste romance com a figura de Silva Porto.
- $^{14}$  É importante referir que, nesta narrativa, a voz dos metropolitanos surge filtrada pela voz de Rui, não sendo expressa em discurso direto.
- Num evento cultural organizado pelo Departamento de Estudos Portugueses e Brasileiros da Universidade de Brown, no dia 7 de maio de 2013, Dulce Maria Cardoso afirmou que os "retornados dos hotéis" eram conhecidos como os "tínhamos", termo que, como explicou a autora, remete para o facto de algumas destas pessoas, confrontadas com a perda dos seus bens e sendo alvo de uma certa hostilidade em Portugal, terem construído e divulgado uma imagem um tanto ou quanto exagerada das suas experiências e haveres em África.
- O escritor angolano Manuel Rui aborda criticamente este assunto, por exemplo, em "O churrasco," incluído na sua primeira coletânea de contos, O Regresso Adiado (1973). Do ponto de vista do discurso historiográfico, é Gerald Bender um dos autores mais críticos das

vivências destes portugueses emigrantes em Angola. Apesar de longa, é crucial citar a argumentação deste historiador: "Lusotropicologists and many foreign writers have extolled the virtues of the poor, uneducated Portuguese peasant, praising him as the bulwark of white settlement in Angola. Their argument, in short, was that the closer Europeans and Africans were to each other's cultural level (usually interpreted by class) the more amicable would be relations between the races.... The conviction that poor, unskilled and uneducated peasants represented Portugal's best racial 'integrators' stemmed from the same fallacious reasoning which held that Cape Verdian and Angolan *mestiços* were the best racial 'intermediaries' in the colony.... Just as *mestiços* proved to be the worst racial intermediaries – given their strong identification with Portuguese society – the *fina flor* proved to be the most recalcitrant to establishing egalitarian relations with Africans.... Angola afforded most of the Portuguese settlers their first opportunity for social mobility. Almost overnight *saloios* (hicks) became *senhores* and they were not prepared to jeopardize this newly found status through open and fair competition with blacks' (224-25).

- Na entrevista citada, a autora afirma que, com este romance, se propôs refletir sobre o processo de perda—material, afetiva, individual, coletiva, imperial.
- $^{18}\,$  Não é certamente por acaso que o nome próprio do protagonista seja o presente do verbo "ruir."
- <sup>19</sup> Inocência Mata observa que, apesar da ligação profunda e longa, a "contribuição ultramarina" na sociedade portuguesa continua a ser "alvo de preconceitos e equívocos em relação aos outros.... Trinta anos depois do desmantelamento político do império colonial português, o discurso da nação ... continua a textualizar os africanos aqui residentes e seus descendentes como os *outros*!" (289).
- A associação preto-Guiné é feita no romance por vários metropolitanos: Marcolina, os colegas de escola de Ercília e Dona Bela, a patroa de Belmira. O fundamento de tal associação deve-se, muito provavelmente, ao peso da ideologia salazarista nos manuais escolares e na cultura popular metropolitana, o que deu origem a estereótipos sobre os africanos que se repetiram de geração em geração e que contribuíram para agudizar o desconhecimento que os metropolitanos tinham acerca de África. Neste contexto, um exemplo ilustrativo é a célebre canção do folclore açoriano intitulada, "Olhos Negros": "Da Guiné por serem negros/Negros por não terem fé."
- Sobre o valor expressivo desta frase, veja-se a leitura de Fernanda Gil Costa: "Este título/capítulo expressa afinal o silêncio, o desencanto sem remédio e o indizível da experiência vivida como um salto entre realidades, sem qualquer projecto prévio—o recomeço forçado da vida a partir do zero" (148).
- Repare-se que "Mártires da Pátria" (263) é o nome da praça onde para a "camioneta" que transporta Deodata de Pousaflores a Lisboa. A ironia deste nome emerge de duas formas, por um lado, sabemos que este nome é a única referência sobre a capital que Deodata leva consigo e, por outro, sabemos que ela faz essa viagem para ir "resgatar" Ercília depois de esta passar pela traumática experiência de um aborto. Mártires da Pátria são, afinal, estas duas mulheres vítimas das contingências das suas vidas.
- <sup>23</sup> Esta ambivalência faz-nos pensar no "racismo sui generis" de que fala Manuel Rui no conto "O churrasco", isto é, num tipo de racismo que se manifesta com maior ou menor intensidade devido à existência ou não de relações pessoais e afetivas.
- A posição de Boaventura de Sousa Santos tem sido severamente criticada por alguns autores, nomeadamente por Luís Madureira ("Is the Difference" e "Nation, Identity") para quem não faz sentido a ideia de "colonialismo subalterno". Madureira defende ainda que o pós-colonialismo lusófono deveria tratar sobretudo das semelhanças com os outros pós-colonialismos e não tanto das diferenças. A proposta de Madureira não é, contudo, partilhada por autores como Miguel

Vale de Almeida que vai ao encontro das reflexões de Boaventura de Sousa Santos e aponta para a necessidade de se analisar o pós-colonialismo português através da recusa de noções de excecionalismo culturalista, mas aceitando e trabalhando a especificidade da sua experiência colonial.

## Obras Citadas

- Almeida, Miguel Vale de. "O Atlântico Pardo. Antropologia, Pós-colonialismo e o Caso 'Lusó-fono.'" *Trânsitos Coloniais: Diálogos Críticos Luso-brasileiros*. Ed. Cristiana Bastos, et al. Campinas (Brasil): Unicamp, 2007. Impresso.
- Bender, Gerald. *Angola Under the Portuguese: The Myth and the Reality*. Berkeley: U of California P, 1978. Impresso.
- Cardoso, Dulce Maria. O Retorno. Lisboa: Tinta da China, 2011. Impresso.
- ——. Entrevista. Câmara Clara. RTP 2. 6 Nov. 2011. Televisão.
- Costa, Fernanda Gil. "O regresso na literatura portuguesa contemporânea: aspetos da pós-colonialidade." *Colóquio/Letras* 186 (2014): 141-52. Impresso.
- Dirlik, Arif. "The Postcolonial Aura: Third World Criticism in the Age of Global Capitalism." Critical Inquiry 20 (1994): 328-56. Impresso.
- Ferreira, Ana Paula. "Specificity Without Exceptionalism: Towards a Critical Lusophone Postcoloniality." *Postcolonial Theory and Lusophone Literatures*. Ed. Paulo Medeiros. Utrecht: Portuguese Studies Center, 2007. 21-40. Impresso.
- Fonseca, Ana Margarida. Percursos da Identidade: Representações da Nação na Literatura Póscolonial de Língua Portuguesa. Lisboa: FCG/FCT, 2012. Impresso.
- Gomes, Aida. Os Pretos de Pousaflores. Dom Quixote, 2011. Impresso.
- Lourenço, Eduardo. O Fascismo Nunca Existiu. Lisboa: Dom Quixote, 1976. Impresso.
- O Labirinto da Saudade: Psicanálise Mítica do Destino Português. Lisboa: Gradiva, 2001. Impresso.
- Lubkemann, Stephen C. "Race, Class, and Kin in the Negotiation of 'Internal Strangerhood' among Portuguese Retornados, 1975–2000." *Europe's Invisible Migrants*. Ed. Andrea Smith. Amsterdam: Amsterdam UP, 2003. 75-93. Impresso.
- ——. "Unsettling the metropole: Decolonization, Migration and National Identity in Postcolonial Portugal." Settler Colonialism in the Twentieth Century: Projects, Practices, Legacies. Ed. Caroline Elkins e Susan Pedersen. Nova Iorque: Taylor and Francis, 2005. 257-70. Impresso.
- Madureira, Luís. "Is the Difference in Portuguese Colonialism the Difference in Lusophone Postcolonialism?" *ellipsis* 6 (2008): 135-41. Impresso.
- ——. "Nation, Identity and Loss of Footing: Mia Couto's O Outro Pé da Sereia and the Question of Lusophone Postcolonialism." Novel 41.2/3 (2008): 200-28. Impresso.
- Mata, Inocência. "Estranhos em permanência: a negociação da identidade portuguesa na póscolonialidade." *Portugal não é um País Pequeno: Contar o 'Imp*ério' na Pós-colonialidade. Ed. Manuela Ribeiro Sanches. Lisboa: Cotovia, 2006. 285-315. Impresso.
- Medeiros, Paulo. "Apontamentos para Conceptualizar uma Europa Pós-colonial." *Portugal não é um País Pequeno: Contar o 'Imp*ério' na Pós-colonialidade. Ed. Manuela Ribeiro Sanches. Lisboa: Cotovia, 2006. 339-56. Impresso.

- Ovalle-Bahamón, Ricardo. "The Wrinkles of Decolonization and Nationness: White Angolans as *Retornados* in Portugal." *Europe's Invisible Migrants*. Ed. Andrea L. Smith. Amsterdam: Amsterdam UP, 2003. 147-68. Impresso.
- Pires, Rui Pena e Manuela Silva, eds. *Os Retornados: Um Estudo Sociográfico.* Lisboa: Instituto de Estudos para o Desenvolvimento, 1984. Impresso.
- Santos, Boaventura de Sousa. "Entre Próspero e Caliban: Colonialismo, Pós-colonialismo e Inter-Identidade." *Entre Ser e Estar. Raízes, Percursos e Discursos da Identidade.* Ed. Maria Irene Ramalho e António Sousa Ribeiro. Porto: Afrontamento, 2001. Impresso. Smith, Andrea L., ed. *Europe's Invisible Migrants*. Amsterdam: Amsterdam UP, 2003. Impresso.

Patricia Martinho Ferreira holds a BA in Portuguese Studies (2005) and an MA in Theory and Analysis of Narrative (2009) from the University of Coimbra. She is currently a doctoral candidate in Portuguese and Brazilian Studies at Brown University.

and Brazilian Studies at Brown University.

Her current research focuses on postcolonial literature, and she has presented papers on Portuguese, Brazilian, and Luso-African literatures.